

LIMEIRA ESPIRITA

Nº 219 | JULHO/AGOSTO | 2020 | ORGÃO DE PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

35
ANOS



SOB OS PLANOS DE DEUS

Os dias que vivemos assinalam mudanças importantes na trajetória do orbe terrestre e dos seres a ele vinculados.

A velocidade da transmissão da informação nos atualiza constantemente sobre os fatos momentosos, e os débitos coletivos - somados aos individuais - parecem passar uma imagem de descontrole, de insegurança, que fomenta o desequilíbrio e a dúvida.

No entanto, basta ligeira reflexão para que encaremos o cenário que está diante de nossos olhos como algo do qual somos responsáveis. E por que não dizer protagonistas?

Já dizia o sábio imperador romano Marco Aurélio que “nada acontece ao homem que não seja próprio do homem”. Logo, todas as circunstâncias que nos cercam são inerentes à nossa condição de seres imperfeitos, que trazem para o orbe suas necessidades evolutivas e suas bagagens espirituais. O planeta em que vivemos é, por assim dizer, um somatório dessas condições individuais e, para que ele seja melhor, melhores teremos que nos tornar, superando mazelas e caminhando na esteira das leis divinas, criadas

para nos conduzir à felicidade.

Um dos grandes desafios da humanidade, nestes dias que vivemos - a proliferação de um vírus extremamente contagioso - excita o desespero, a falta de fé, o pânico, além, é claro, de suas nefastas consequências.

Consideremos, porém, se ele tivesse chegado há duas ou três décadas. Não possuíamos os recursos tecnológicos que temos hoje, que permitem à muitas pessoas continuarem trabalhando de seus lares, conectadas aos seus entes queridos, demandando e oferecendo bens e serviços remotamente etc. Dessa forma, praticamente continuamos nossas atividades, com ligeira mudança, mas continuamos. Tudo isso seria impossível, apenas há algumas décadas, o que mostra que há um plano divino, prevendo e dirigindo todos esses fenômenos. Basta que tenhamos, como dizia Jesus, “olhos de ver”.

Aprendemos no Livro Terceiro, Capítulo VI da obra *O Livro dos Espíritos* que as transformações são necessárias para a regeneração moral dos Espíritos e que é preciso ver

**SUBDESENVOLVIMENTO
ESPIRITUAL**

Pág. 4

O TOMBRO

Pág. 5

A LIÇÃO DO CARVALHO

Pág. 6

o fim para apreciar os resultados.

Dessa forma, é um erro julgarmos as coisas pelos nossos pontos de vista pessoais. Pois o que chamamos de tragédias, ou flagelos, são ocorrências imprescindíveis para que as coisas cheguem a uma melhor ordem, realizando em alguns anos o que levaria muitos séculos, seja nos avanços da Medicina, das pesquisas científicas, das relações jurídicas, de uma conduta mais ética, em todos os setores da sociedade, com elevada priorização do ser humano e dos recursos naturais.

Ademais, tais dificuldades nos ensinam exercitar a inteligência, mostrar paciência e resignação ante a vontade de Deus e, ao mesmo tempo, desenvolver os sentimentos de abnegação, de desinteresse e de amor ao próximo. Temos

visto isso numa escala cada vez mais intensa, e devemos ser gratos por isso.

Dentro dessa ordem divina, tenhamos a confiança que de que tudo isso é passageiro e é fundamental que saiamos dessa fase melhores, evitando retornarmos a um “normal” equivalente ao que vivíamos quando tudo começou, porque isso implicará em lamentável atraso.

Amparados sob os planos de Deus, sentimos a segurança dessa proteção perfeita, e assim possamos conduzir o barco existencial, sabendo que as tempestades vem e vão e que nos aguarda um porto onde fatalmente chegaremos e, claro, de onde partiremos novamente, para novas experiências, sempre necessárias para que tenhamos condições de continuar crescendo e evoluindo.

MAUS OBREIROS



“Guardai-vos dos maus obreiros.”

Paulo. (FILIPENSES, 3:2.)

Paulo de Tarso não recomenda sem razão o cuidado a observar-se, ante o assédio dos maus obreiros.

Em todas as atividades do bem, o trabalhador sincero necessita preservar-se contra o veneno que procede do servidor infiel.

Enquanto os servos leais se desvelam, dedicados, nas obrigações que lhes são deferidas, os maus obreiros procuram o repouso indébito, conclamando companheiros à deserção e à revolta. Ao invés de cooperarem, atendendo aos compromissos assumidos, entregam-se à crítica jocosa ou áspera, menosprezando os colegas de luta.

Estimam as apreciações desencorajadoras.

Fixam-se nos ângulos ainda inseguros da obra em execução, despreocupados das realizações já feitas.

Manuseiam textos legais a fim de observarem como farão valer direitos com esquecimento de deveres.

Ouvem as palavras alheias com religiosa atenção para extraírem os conceitos verbais menos felizes, de modo a estabelecerem perturbações.

Chamam covardes aos cooperadores humildes, e bajula-

dores aos eficientes ou compreensivos.

Destacam os defeitos de todas as pessoas, exceto os que lhes são peculiares.

Alinham frases brilhantes e complacentes, ensopando-as em óleo de perversidades ocultas.

Semeiam a dúvida, a desconfiança e o dissídio, quando percebem que o êxito vem próximo.

Espalham suspeitas e calúnias, entre os que organizam e os que executam.

Fazem-se advogados para serem acusadores.

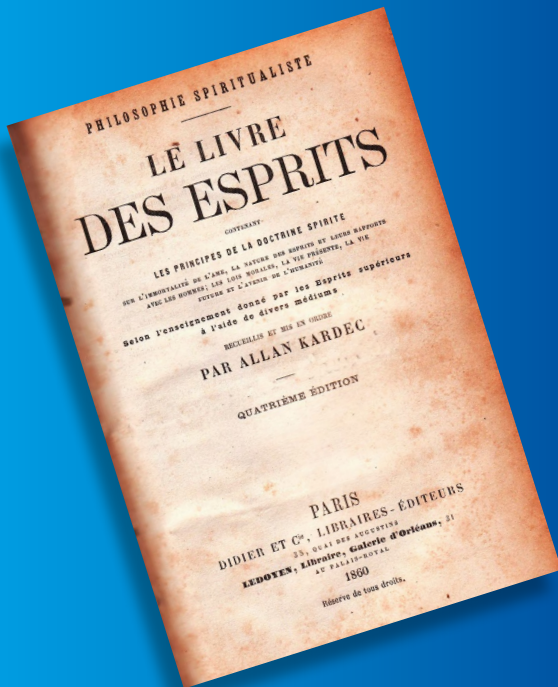
Vestem-se à maneira de ovelhas, dissimulando as feições de lobos.

Costumam lamentar-se por vítimas para serem verdugos mais completos.

“Guardai-vos dos maus obreiros.”

O conselho do apóstolo aos gentios permanece cheio de oportunidade e significação.

PERGUNTAS QUE NOS FAZEM?



LIVRO SEGUNDO - MUNDO ESPÍRITA OU DOS ESPÍRITOS

CAP. 4 – PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS

II – JUSTIÇA DA REENCARNAÇÃO

171. Sobre o que se funda o dogma da reencarnação?

— Sobre a justiça de Deus e a revelação, pois não nos cansamos de repetir: um bom pai deixa sempre aos filhos uma porta aberta ao arrependimento. A razão não diz que seria injusto privar para sempre da felicidade eterna daqueles cujo melhoramento não dependeu deles mesmos? Todos os homens não são filhos de Deus? Somente entre os homens egoístas é que se encontram a iniquidade, o ódio implacável e os castigos sem perdão.

Comentário de Kardec: Todos os Espíritos também tendem a perfeição, e Deus lhes proporciona os meios de conseguí-la, com as provas da vida corpórea. Mas, na sua justiça, permite-lhes realizar, em novas existências, aquilo que não puderam fazer ou acabar numa primeira prova.

Não estaria de acordo com a equidade, nem segundo a bondade de Deus, castigar para sempre aqueles que encontraram obstáculos ao seu melhoramento, independentemente de sua vontade, no próprio meio em que foram colocados. Se a sorte do homem fosse irrevogavelmente fixada após a sua morte, Deus não teria pesado as ações de todos na mesma balança e não os teria tratado com imparcialidade.

A doutrina da reencarnação, que consiste em admitir para o homem muitas existências sucessivas, é a única que corresponde a ideia da justiça de Deus, com respeito aos homens de condição moral interior; a única que pode explicar o nosso futuro e fundamentar as nossas esperanças, pois oferece-nos o meio de resgatarmos os nossos erros através de novas provas. A razão assim nos diz, e é o que os Espíritos nos ensinam.

O homem que tem consciência da sua inferioridade encontra na doutrina da reencarnação uma consoladora esperança. Se crê na justiça de Deus, não pode esperar que, por toda a eternidade, haja de ser igual aos que agiram melhor do que ele. O pensamento de que essa inferioridade não o deserdrará para sempre do bem supremo e que ele poderá conquistá-lo através de novos esforços o ampara e lhe reanima a coragem. Qual é aquele que, no fim da sua carreira, não lamenta ter adquirido demasiado tarde uma experiência que já não pode aproveitar? Pois esta experiência tardia não estará perdida: ele a aproveitará numa nova existência.

172. Nossas diferentes existências corpóreas se passam todas na Terra?

— Não, mas nos diferentes mundos. As deste globo não são as primeiras nem as últimas, mas as mais materiais e distanciadas da perfeição.

173. A cada nova existência corpórea a alma passa de um mundo a outro, ou pode viver muitas vidas num mesmo globo?

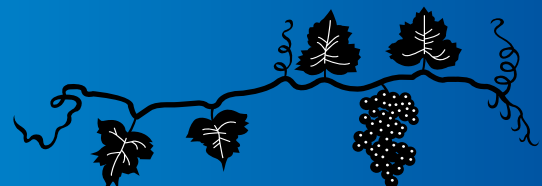
— Pode reviver muitas vezes num mesmo globo, se não estiver bastante adiantada para passar a um mundo superior.

173 – a) Podemos então reaparecer muitas vezes na Terra?

— Certamente.

173 – b) Podemos voltar a ela depois de ter vivido em outros mundos?

— Seguramente; podeis ter já vivido noutros mundos bem como na Terra.



SUBDESENVOLVIMENTO ESPIRITUAL



O ser humano alcançou impressionante evolução no campo tecnológico e intelectual. Diante de uma pandemia avassaladora, desdobra-se a Ciência para conter-lhe as consequências e já se avizinha o dia em que a humanidade poderá contar com vacinação em massa, num tempo recorde.

Não obstante, enfrentamos nossos piores medos durante esse período, além, é claro, da inesperada separação de entes queridos, pelo fenômeno da retornada destes à Pátria Espiritual.

É em momentos como esses, quando nos angustiamos, que percebemos o quanto o desenvolvimento intelectual deixa a desejar, quando o assunto é suportar os atritos da evolução num mundo como o nosso.

Na obra *Ceifa de Luz* (Ed. FEB), psicografada por Francisco Cândido Xavier, o benfeitor espiritual Emmanuel assim se expressa sobre o tema:

“(…) Entesourar os recursos da inteligência, mas reconhecer que a cultura intelectual, só por si, nem sempre é fundamento absoluto na obra da sublimação do espírito”.

Para o autor espiritual, não existe apenas subdesenvolvimento material em nosso orbe, mas, infelizmente, também há subdesenvolvimento espiritual. E esse é possível ver em muitas situações aqui vivenciadas. Kardec bem se expressou a respeito em *O Livro dos Espíritos*, na questão 793, quando deixou claro que ainda somos apenas “povos esclarecidos”, que percorremos a primeira fase da civilização. Ainda temos que progredir bastante para sermos considerados “povos civilizados”, perante as Leis Divinas.

Mas, voltando a Emmanuel, é imperioso destacar que seu enfoque, quando fala do subdesenvolvimento espiritual, é no sentido de apontar a “carência dos valores do espírito”. Para ele, somos todos carentes desses valores, quando mergulhamos na dor sem conseguir consolo.

É por isso que o benfeitor assevera, com propriedade: “um cérebro vigoroso faz prodigiosos cálculos, mas pode não entender bagatelas de resistência moral diante da tentação ou do sofrimento”.

Em outra obra de sua lavra, o livro *O Consolador* (Ed. FEB), também psicografado por Chico Xavier, encontraremos Emmanuel discorrendo novamente sobre o tema, na questão de número 204. Indagado pelos tarefeiros encarnados se a alma humana pode se elevar a Deus somente pelo progresso moral, sem os valores do intelecto, respondeu ele que sentimento e sabedoria são as duas asas que levam à perfeição e que ambos são imprescindíveis ao progresso, mas é preciso considerar a superioridade do primeiro sobre o segundo, porque “avanço moral nunca é demais – é o núcleo mais importante das energias evolutivas”.

Veja, prezado leitor, que informação digna de ser meditada: o núcleo mais importante de nossas energias evolutivas está em nosso desenvolvimento moral.

É claro, ninguém será insano de dizer que o progresso intelectual pode ser deixado em segundo plano, sem consequências. Não é o que os Espíritos Superiores nos ensinam. A questão é equilibrarmos essas duas “asas”. Porém, aquela que mais tem recursos para nos fazer atravessar as adversidades é o sentimento, a capacidade de depositar em Deus e nos Bons Espíritos a confiança, a esperança, a fé enfim.

Quando curava pessoas, afirmava o Cristo, sem perda de tempo: “Tua fé te salvou”.

Assim, é preciso movimentar esses recursos existentes em nós, em estado latente, aguardando desabrochar, e o melhor momento para fazê-lo é agora, é hoje, em meio as dificuldades da caminhada, porque podemos sair maiores, mais fortes e mais preparados do que jamais fomos.



O TOMBO

No dia 18 de maio de 1989, recebi um recado para ir a Uberaba. Era urgente.

Às vinte horas, lá estava eu.

Em se tratando do Chico, sou capaz de deixar até o corpo.

Quando o vi, uma dor muito profunda abalou-me o coração.

Nosso querido mestre e amigo, no dia anterior, havia levado um tombo que lhe causou graves ferimentos. Havia tropeçado e batido com o rosto no chão. Hematomas por toda a face. Na queda, os óculos partiram-se, causando-lhe vários cortes. Havia levado dezoito pontos na parte interna da boca e no nariz.

Vários amigos na sala. Consternação geral.

Foi o próprio Chico que rompeu o silêncio dizendo com dificuldade:

- Não fiquem preocupados não. Estou muito bem. Agradeço a presença de todos; mas, não muito longe de suas casas, existem muitas pessoas em piores condições e vocês nunca foram visitá-las.

Entreolhamo-nos assustados. A lição era dura, mas era a pura verdade.

Depois continuou:

- Não pensem que fiquei gritando por Emmanuel não. Ele é muito ocupado. Não tem tempo para estar nos acariciando em nossas manhas não. Ele solicitou a André Luiz para ver o que havia acontecido. André Luiz o informou de que eu havia levado um tombo muito feio, mas que já havia

sido atendido por médicos competentes, que estava tomando os remédios e que estava cercado de amigos.

Emmanuel, então, considerou:

- Mas, o Chico está bem?

O mensageiro respondeu:

- Está muito bem. Não lhe está faltando nenhum recurso. Tornou o espírito de Emmanuel:

- Assistência, remédios, medicamentos especializados e providências para a necessária imunização?

O mensageiro explicou:

- Sim, não falta nada a ele. Todas essas providências a que o senhor se refere foram tomadas. O Chico está cercado pelo carinho e pela assistência de diversos médicos amigos.

- Muito bem. Isso me tranquiliza, finalizou Emmanuel.

No entanto, o Chico, descrevendo a ocorrência, falou com bom humor:

- Acredito que Emmanuel, ao tranquilizar-se com as informações recebidas e vendo tantos doentes e acidentados em torno de nós, sem qualquer medida de proteção, terá pensado, segundo meu modo de entender:

- Se o Chico está sob o amparo tão completo, seria o caso dele experimentar outro tombo para conformar-se e compreender as dores alheias.



A LIÇÃO DO CARVALHO

Era um velho carvalho no meio de uma grande floresta. Há alguns anos, uma enorme tempestade o deixara quebrado e feio. Jamais conseguira se reerguer, como as demais árvores.

Quando a primavera chegava, o adornava de flores novas e verdes e o outono tomava o cuidado de pintá-las todas de cor avermelhada.

Mas os ventos inclementes sopravam e levavam todas as folhas e nada mais podia disfarçar a sua feiura.

A árvore foi se sentindo esquecida, abandonada, sem utilidade.

E um enorme vazio tomou conta dela.

Quando o vento do outono passou por ali, ela se lamentou: *- Ninguém mais me quer. Não sirvo para nada. Sou um velho inútil.*

Mais alguns dias se passaram e, na proximidade do inverno, um pica-pau sentou-se em seu tronco e começou a bicá-lo, de forma insistente.

Tanto bicou que conseguiu fazer um pequeno furo, uma portinha de entrada para sua residência de inverno, no tronco oco do carvalho.

Arrumou tudo com muito bom gosto. Aliás, estava praticamente tudo arrumado. As paredes eram quentinhas, aconchegantes e havia muitos bichinhos que poderiam alimentá-lo e aos seus filhotes.

Como estou feliz em ter encontrado esta árvore oca! Ela será a salvação para mim e minha família no frio que se aproxima.

Pouco tempo depois, um esquilo aproximou-se e ficou correndo pelo tronco envelhecido, até achar um buraco redondo, que seria a janelinha da sua casa.

Forrou por dentro com musgo e arrumou pilhas e pilhas de nozes que o deveriam alimentar durante toda a estação de ventos gelados.

Como estou agradecido, falou o esquilo, *por ter encontra-*

do esta árvore oca.

O carvalho passou a sentir umas coisas estranhas. As asas dos passarinhos roçando em sua intimidade, o coração alegre do esquilo, suas patas miúdas apalpando o tronco diariamente fizeram com que se sentisse feliz.

Seus ramos passaram a cantar felicidade. Quando chegou a época das chuvas, deixou-se molhar, permitindo que as gotas escorressem por seus galhos, lentamente.

Aceitou a neve que o envolveu em seu manto por muitas semanas, agradeceu os raios do sol e a luz das estrelas.

Tudo era motivo de felicidade. A velha árvore redescobriria a alegria de servir.

* * *

Ninguém há que nada possua para dar. Ninguém existe que não possa fazer algo a benefício do seu irmão. Um sorriso, uma prece, um gesto, um abraço, um agasalho, um pão.

Há tanto que se fazer na Terra. Existem tantos aguardando a cota do nosso gesto de ternura. Ninguém é inútil ou desprezível. Cabe-nos redescobrir a riqueza que em nós existe e distribuí-la a quem dela necessita ou espere.

Se nos sentirmos solitários, em meio às dificuldades que nos alcancem, aprendamos a estender sorrisos nos caminhos por onde passarmos.

Antes de nos amargurarmos e cobrar gestos de carinho de amigos e parentes, antecipemo-nos e doemos a nossa cota de amor, ainda hoje, permitindo-nos usufruir da alegria de dar e dar-se.

Redação do Momento Espírita, com base no texto *A árvore solitária*, de *O livro das virtudes*, de William J. Bennett, v. 2, ed. Nova Fronteira. Em 21/02/2019.